

OPOSIÇÃO PREPARA INVESTIDA CONTRA PACOTE

Lauro Rutkowski
Especial para o *Correio*

A oposição ainda não sabe exatamente o que fazer com o pacote fiscal, embora tenha encontrado no conjunto de medidas boa munição para reforçar o até então ineficiente arsenal de críticas a Fernando Henrique Cardoso.

Apesar de críticas disparadas contra demissões no serviço público, existe convicção na trincheira da oposição de que algumas medidas — especialmente a valorização aduaneira e os incentivos às pequenas e médias indústrias exportadoras — são corretas. E, no geral, há tendência de considerá-las melhores que um impacto resultante da desvalorização do real em relação ao dólar.

Com um quadro-resumo de sete páginas fornecido pela equipe econômica, vários líderes de oposição circulavam ontem pelo Congresso e apontavam os itens que, na opinião deles, demonstrariam o pouco caso do governo com os custos sociais do pacote e serviriam de combustível para a esquerda.

A cada leitura, reforçavam a convicção de que desta vez o governo sacrificará um setor de peso na forma-

ção da opinião pública — a classe média — ao aumentar alíquotas de Imposto de Renda, elevar taxas de juros, dificultar importações e reajustar preços de combustíveis.

Essa estratégia poderia ampliar as chances de um candidato de oposição a presidente da República conseguir grande número de votos nesse setor da sociedade. "Essa é a conta do Real que a classe média vai pagar", disse o líder do bloco Oposição no Senado, José Eduardo Dutra (PT-SE).

Ainda sem saber exatamente as reais consequências do pacotes, os líderes da oposição no Congresso se reunirão hoje para analisar o pacote a partir de estudos técnicos e divulgar uma nota oficial criticando algumas medidas e sugerindo alternativas.

"Acreditamos que o governo está fragilizado e tomou medidas sem pensar, mas só pagando pra ver", disse o líder do PT na Câmara, José Machado (SP).

O líder petista Lula da Silva passará hoje e amanhã em Brasília. Ele conhecerá obras do governo Cristovam Buarque e se reunirá amanhã com os presidentes do PDT (Leonel Brizola), do PPS (o senador pernambucano Roberto Freire) e, possivelmente, do PSB (governador Miguel Arraes) para um

Glaucio Dettmar 23.01.97



José Machado: "Governo tomou medidas sem pensar, só pagando pra ver"

ato contra a política econômica do governo. A Executiva do PT se reúne hoje em São Paulo para analisar o pacote.

INVESTIDORES

Sem nada a perder, o candidato do PPS, Ciro Gomes, aproveitou a condição de ex-ministro da Fazenda para desancar o pacote. Ele dizia, no

Rio, que em cinco meses o governo consumiria os R\$ 20 bilhões a serem economizados para manter taxas de juros interessantes para investidores externos, sacrificando empregos e esfriando a economia.

Em Brasília, o presidente do PPS, senador Roberto Freire, fazia coro às críticas de Ciro, mas com alguns deci-

béis a menos. "O governo teve oportunidade de fazer reformas tributária e fiscal, mas a sua base conservadora insistiu nas reformas da Previdência e da administração, além da emenda da reeleição", disse Freire.

Qualificado de recessivo e insensível em termo sociais, o pacote foi "bem-vindo" pela oposição, por mostrar o chamado lado negro do Plano Real, com demissões (33 mil servidores públicos), aumento no Imposto de Renda, elevação de preços de combustíveis, suspensão de reajustes salariais para o quadro de pessoal federal, corte de 12,5% nas bolsas de ensino e pesquisa, manutenção de regras rígidas para concessão de benefícios a idosos pobres e interrupção da concessão de auxílio a deficientes físicos carentes por três meses.

"O governo vai manter taxas de juros pornográficas, colocar o país numa recessão brutal e ainda vai cortar gastos na pobreza da pobreza", dizia o líder do PCdoB na Câmara, Sérgio Miranda (MG). Incisivo, Miranda dizia acreditar no fracasso do pacote. "O déficit no ano que vem será de R\$ 50 bilhões e o governo quer economizar R\$ 20 bilhões. De onde virão os outros R\$ 30 bilhões?", perguntava Miranda.